

O TEMPO DE UMA CIDADE (DO CAFÉ À INDÚSTRIA. UMA CIDADE E SEU TEMPO)*

José Roberto do Amaral Lapa

Professor do Departamento de História do IFCH/Unicamp
e Diretor do Centro de Memória — Unicamp.

O movimento seqüencial geográfico — avanço da fronteira — que marca a expansão cafeeira pelas províncias e posteriormente estados do Rio de Janeiro e São Paulo teve durante muito tempo como espaço privilegiado de estudos o Vale do Paraíba, que viu assim ser composta a seu respeito uma biblioteca versando temas como a estrutura fundiária, o fato urbano, a escravidão, a imigração e o mercado de trabalho livre, as unidades de produção, a estrutura demográfica etc. Por motivos que nos escapam, o estudo da segunda grande região que foi palco daquela expansão — o chamado “Oeste Paulista”, que não é uma região natural, tampouco coincide com o oeste geográfico do estado — só de alguns anos para cá vem sendo promovido por uma legião de pesquisadores que sobre ele têm se debruçado.

Do café à indústria está inserto nessa produção mais recente, com que se tem enriquecido o nosso conhecimento a propósito do processo de interiorização do desenvolvimento em São Paulo, capaz de ser identificado pela mídia até como uma ilha da fantasia, localizado neste Sul maravilha, apontado como Primeiro Mundo e espelho do que há de moderno no Brasil.

Ora, é no “Velho Oeste” cafeeiro de São Paulo, que emerge uma formação urbana polarizadora, que atravessa praticamente incólume três ciclos produtivos de vanguarda no sudeste, quais sejam o açúcar, café e indústria. Falamos de Campinas.

Os índices de desenvolvimento que o município oferece hoje, com destaque para a cidade, muitos analisados neste livro, são realmente impressionantes. Senão, vejamos: segundo pólo manufatureiro do Estado, em termos regionais, a sua produção industrial situa-se em quarto lugar no país, logo abaixo do Estado de São Paulo, da Grande São Paulo e do estado do Rio de Janeiro, colocando-se portanto acima de todos os demais estados brasileiros e de muitos países da América do Sul. A produção agropecuária é a segunda do Estado de São Paulo, só superada pelas dos estados sulinos e por Minas Gerais. Ainda como centro comercial e de serviços, Campinas é a terceira praça do país em movimento bancário e tem um movimento de exportação que supera 15% do total brasileiro.

Entretanto, esse desenvolvimento local e regional processa-se marcado por uma modernização que privilegia as camadas altas da sociedade a um preço pago pela massa atrelada à grande lavoura de exportação, pelo menos até 1930, e em seguida ao parque industrial que ali se estabelece.

É o que o estudo mostra. O descompasso entre esse crescimento econômico com índices significativos, mas cujos padrões de acumulação, oferecidos pela lavoura, indús-

tria e serviços, estes particularmente nas áreas de saúde e educação, têm seus resultados em boa parte desviados para fora do Município, em termos de lucros e tributos. Em decorrência, limitam-se naturalmente os investimentos comprometendo a qualidade de vida, uma vez que o crescimento desses setores e da população não é acompanhado pelo atendimento que a sociedade local exige.

Assim, a cidade reflete na sua feição urbana essa situação, apresentando problemas graves de saneamento básico, moradia popular, saúde, transportes, lazer etc.

Mas, para chegar a esse quadro, o autor acompanha *pari passu* a evolução histórica local e regional, sintetizando o elenco de questões que se cruzam para viabilizar o seu desenvolvimento: parcelamento da estrutura fundiária e modernização mecânica da agricultura e pecuária, diversificação nos investimentos e novos padrões de acumulação, formação do mercado de trabalho livre e urbanização, liderança política e industrialização.

Num momento em que se multiplicam os estudos sobre Campinas e a região, alguns deles contudo não-utilizados nesta pesquisa, como é o caso por exemplo de teses universitárias sobre o plano urbano feito pelo engenheiro Prestes Maia para a cidade ou ainda a evolução do seu desenho urbano, da estrutura demográfica etc, o livro representa uma contribuição de especial significação.

Não elabora uma história econômica regional apartada do que nesse sentido acontece com o restante do país, que é recuperado a cada passo. Em termos locais, promove a interseção do urbano com o rural, acompanha o aumento da pequena produção no interior da grande lavoura de exportação respondendo à demanda do mercado interno, recorta o desempenho do parque ferroviário, as mudanças nas relações sociais de produção, a imigração norte-americana para a região, a estratégia dos núcleos coloniais na reativação do suprimento de força de trabalho e outros muitos temas, cujo estudo permite entendermos a vocação de regionalidade que a cidade assume desde cedo.

As conclusões e perspectivas a que o estudo chega não são todavia animadoras, pois se de um lado a projeção tem indicadores que asseguram a continuidade do crescimento, de outro a conurbação e, portanto, metropolização que se aceleram colocam complexos desafios para o poder público e a população.